

23 OUT 1987

Brasil pede mais tempo para negociar

BRASÍLIA — O Brasil pediu ao Governo americano para ser retirado da pauta da reunião da Comissão que analisará, segunda-feira, a desclassificação dos créditos do País. Com isso, os negociadores da dívida externa ganhariam mais tempo — a expectativa é de 30 dias — para encontrar uma fórmula que concilie os interesses dos dois lados.

Essa foi a finalidade dos contatos do Assessor Especial para a Dívida Externa, Fernão Bracher, com o Secretário Adjunto do Tesouro, David Mulford, e com o Presidente do Banco Central americano, Alan Greenspan, na quarta-feira. Na avaliação brasileira, a falta de clareza das perspectivas futuras da economia americana após a crise das bolsas de valores justifica o adiamento de uma decisão sobre o assunto.

Por isso, será necessário mostrar aos credores novos números sobre o desempenho brasileiro, especialmente sobre o capítulo cambial, que recebe o maior impacto das alterações na economia internacional.

De acordo com a legislação americana, se o país que tem seus créditos analisados pela Comissão estiver em conversações com os credores, esta é uma condição suficiente para suspender o questionamento sobre o

Dívida Ext.
atraso nos pagamentos. Para que isso aconteça, entretanto, é necessário uma interpretação nesse sentido da Comissão, o que depende de critérios políticos.

Acham as autoridades que a negociação ficou mais difícil, porque a incerteza sobre o médio prazo leva os credores a exibir uma argumentação otimista, enquanto o Brasil, ao contrário, tem mais motivos para exigir garantias contras bruscas mudanças na economia mundial. Isso ficou evidente, esta semana, tanto nas conversas mantidas por Bracher nos Estados Unidos quanto nos contatos feitos em Brasília por Douglas Smee, representante dos bancos.

Smee, por exemplo, tentou convencer funcionários do Banco Central de que a ação coordenada da Alemanha, Japão e Estados Unidos na área cambial terá pleno êxito, impedirá a inflação e assim evitará uma elevação da taxa de juros. Os brasileiros contra-argumentaram que a injeção de dólares aplicada terça-feira na economia americana para salvar as bolsas poderá ter como consequência o crescimento da inflação.

Smee reagiu negativamente ao ambicioso pedido de US\$ 10,2 bilhões para 1987/88/89, alegando que o saldo comercial deste ano terminará bem

acima da previsão inicial de US\$ 8,6 bilhões. O Brasil lembrou que isso só se justificaria se não houvesse a hipótese muito provável de aumento da taxa de juros, elevando o serviço da dívida.

Nos Estados Unidos, a maior dificuldade enfrentada por Bracher é de que os bancos querem resolver logo a situação deste ano e apenas no início do próximo reiniciar negociações para o refinanciamento de 88/89. O Governo brasileiro, no entanto, não abre mão do pacote completo, e já tomou a decisão de realizar o pagamento simbólico. Entre as fórmulas cogitadas para concretizar isso figura um depósito numa instituição neutra — como o BIS, banco central dos bancos centrais.

Para isso, o Governo espera um fato concreto, capaz de alterar qualitativamente o rumo das negociações. Essa fato seria a retirada do Brasil da pauta. Até porque, somente na segunda-feira fica pronta a nova versão do Plano Bresser, cuja atualização dos principais indicadores acabou esta semana. Esse material, que poderá ser divulgado oficialmente no Brasil, é considerado peça capital para estimular o curso das negociações.

Caução garantiria os juros em atraso

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — O Brasil poderá depositar no Banco Internacional de Compensações (BIS) uma espécie de caução, custodiando parte dos juros atrasados. A informação foi dada durante mais uma reunião do Assessor Especial do Ministério da Fazenda, Fernão Bracher, e do Diretor da Dívida Externa do BC, Antônio Pádua Seixas, com o Comitê de Credores, coordenado por William Rhodes.

— Estamos vendo uma maneira de conseguirmos algo intermediário. A custódia, ou caução, é uma forma, mas é complicado e estamos estudando como solucionar o problema, segundo o interesse dos credores e do Brasil — disse Bracher.

Ele confirmou que hoje estará em Washington para visitar de novo o Federal Reserve (Banco Central americano) e brincou dizendo que poderia estar também com o Diretor-Gerente do FMI, Michel Camdessus.